

RESENHA:

O USO RITUAL DAS PLANTAS DE PODER

Por: José Eliézer Mikosz

Doutorando em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Mestre em Inovação Tecnológica pela UTFPR – Curitiba-PR.

LABATE, Beatriz Caiuby & GOULART, Sandra Lúcia (Orgs.) (2005). **O USO RITUAL DAS PLANTAS DE PODER**. Mercado de Letras. São Paulo. 518 p.

O livro é uma contribuição ímpar às pesquisas interdisciplinares sobre psicoativos, sendo o terceiro de uma trilogia encabeçada pela antropóloga BEATRIZ CAIUBY LABATE. O primeiro – **O USO RITUAL DA AYAHUASCA** – foi organizado em conjunto com o pesquisador WLADIMYR SENA ARAÚJO e lançado em 2002. O segundo – **A REINVENÇÃO DO USO DA AYAHUASCA NOS CENTROS URBANOS** – foi o resultado de sua pesquisa de mestrado e lançado em 2004. O terceiro, resenhado aqui, foi organizado em conjunto com a pesquisadora SANDRA LÚCIA GOULART e lançado em 2005.

O USO RITUAL DAS PLANTAS DE PODER é uma compilação de 14 artigos, coerentemente estruturada em torno de uma abordagem interdisciplinar sobre o uso de plantas com propriedades psicoativas, comumente conhecidas por *Plantas de Poder*. Diferentemente dos dois livros que o antecederam, **O USO RITUAL DAS PLANTAS DE PODER** não se concentra exclusivamente sobre a ayahuasca¹, abrindo a pesquisa para diversas outras plantas como o *Pariká*, a *Coca*, a *Jurema*, a *Iboga*, a *Cannabis*, normalmente vinculadas a rituais de contato espiritual e cura, o que se conhece também como xamanismo e que, no caso da ayahuasca, é ligada a origem de alguns movimentos religiosos no Brasil.

¹ Ayahuasca é um chá produzido pela decocção de duas plantas psicoativas de origem amazônica, o cipó *Banisteriopsis Caapi* e o arbusto *Psicotria Viridis*.

Com a rápida expansão do uso da ayahuasca pelos centros urbanos, principalmente devido ao crescimento de religiões como o Santo Daime (CEFLURIS) e o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV), acendeu-se novamente a chama de pesquisas sobre psicoativos, principalmente aqueles com propriedades enteógenas, isto é, que podem gerar experiências associadas a estados místicos ou espirituais. Podemos considerar a década de 1950/60 como a primeira grande onda nessa linha de pesquisa, onde além do interesse sobre as plantas, houve intensos estudos sobre os efeitos do LSD nas mãos de STANISLAV GROF, TIMOTHY LEARY, RALPH METZNER, entre outros.

A ayahuasca passou por uma série de questões, disputas, pesquisas médicas até a sua legalização no Brasil (ver no livro o artigo *Dimensões legais, Éticas e Políticas da Expansão do Consumo da Ayahuasca* de BEATRIZ LABATE) isso leva a reflexões sobre as políticas proibitivas vigentes no país quanto ao uso de outros psicoativos. É natural que se busque saber se outras plantas conhecidas, usadas e perfeitamente ajustadas na sociedade de diversos povos ao longo da história, se devidamente pesquisadas, poderiam também ser liberadas como a ayahuasca. Não podemos esquecer que se as políticas proibitivas estão baseadas em questões de saúde pública e segurança, a liberação de bebidas alcoólicas e cigarro deveriam ser revistas.

O livro discute o uso das plantas em seus diversos papéis desde o uso médico e terapêutico até o místico, facilitador de contatos espirituais, nas transformações pessoais e no seu sentido de integração sócio cultural. Dessa forma o estudo é fundamentalmente interdisciplinar, levando em conta a necessidade de uma análise colaborativa entre estudos psicológicos, sócios culturais, fisiológicos, químicos, botânicos, etc., para tornar possível uma visão maior sobre o uso dessas plantas e seu impacto nas sociedades que as usam. O trabalho lança uma nova luz sobre um tema que ainda é vivido sob estigma da desinformação e preconceito, quase sempre focado por seus aspectos psicopatológicos e legais.

O artigo de HENRIQUE CARNEIRO, *A Odisséia Psiconáutica: A história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas*, classifica os diversos tipos de psicoativos, dando ênfase aos chamados “alucinógenos” ou psicodélicos e seu papel no fenômeno religioso, mostrando ser indevida a comparação dessas substâncias com opiáceos e a cocaína. CARNEIRO mostra um panorama da política da guerra contra as

drogas que diversos autores conceituam como “inquisição farmacrática”. O artigo ainda descreve efeitos dos psicoativos, as “constantes alucinatórias” de KLÜVER e os “fenômenos entópticos”. Encontramos a descrição do uso militar, psicoterapêutico e religioso, comentando que se vive atualmente uma forma de renascimento neopsicodélico iniciado nos anos 1980.

O artigo de ROBIN WRIGHT sobre os *Profetas do Pariká e Caapi*, as plantas psicoativas dos Baniwa, discute os significados simbólicos, culturais e históricos dessas plantas para esse povo, tanto na sua cosmologia quanto para as curas realizadas pelos xamãs.

JUAN ALVARO ECHEVERRI e EDMUNDO PEREIRA, no artigo “*Mambear Coca não é Pintar a Boca de Verde*”: *Notas sobre a origem e o uso ritual da Coca amazônica*, fala sobre o uso da coca amazônica em um rito de disciplina de conhecimento masculino (mulheres não participam) ligada à educação corporal e moral, além de um veículo da vida social e política dos “*mambeaderos*”. O artigo trás uma vasta descrição botânica e cultural da folha de coca.

GLENN H. SHEPARD JR. no artigo *Venenos divinos: Plantas Psicoativas dos Machiguenga do Peru*, mostra o sentimento que os índios Machiguenga possuem em relação às plantas “alucinógenas” consideradas por eles como sendo um portal de acesso a seres inteligentes, superiores e com almas poderosas que podem atuar como guias, médicos e professores para aqueles que as usam com respeito. Tribos indígenas como os Machiguenga, possuindo alto conhecimento da botânica da floresta, não costumam usar suas plantas sagradas de forma indiscriminada, há uma série de regras e valores que fazem parte da cultura e que são sabiamente transmitidas e seguidas pelos herdeiros dessas tradições.

Os artigos de CLARICE NOVAES DA MOTA, *Jurema e Identidades: Um Ensaio Sobre a Diáspora de uma Planta*; RODRIGO DE AZEVEDO GRÜNEWALD, *Sujeitos da Jurema e o Resgate da “Ciência do Índio”* e de ROBERTO MOTTA, *A Jurema do Recife: Religião Indo-Afro-Brasileira em Contexto Urbano*, falam do uso da Jurema, espécies vegetais ricas em DMT², e que fazem parte de usos ritualísticos sincréticos afro-brasileiros, associados ao transe do catimbó, ao culto aos antepassados, à cosmologia como a dos índios Kariri-

² *n,n,dimetilriptamina*, considerado uns dos alucinógenos naturais mais potentes, também presente na ayahuasca.

Xocó, ao uso terapêutico da Jurema. Os ritos que envolvem o uso dessa planta se estendem numa vasta região que vai do litoral do Nordeste até a Amazônia.

GIORGIO SAMORINI trás um artigo sobre o Iboga africano, *Buiti: Religião Enteogênica Africana*. Essa religião usa o Iboga em seus rituais, levando o iniciado ao extremo, numa experiência além mundo. Com o sincretismo cristão, a Iboga se tornou associada a árvore bíblica do Conhecimento do bem e do Mal. Do mesmo modo que a ayahuasca, a Iboga, tem sido usada para terapias auxiliares no tratamento de viciados em drogas pesadas como a cocaína e os opiáceos.

Talvez, de todos os psicoativos tratados no livro, a ayahuasca seja a que mais tenha dado origem a pesquisas atualmente no Brasil. Quatro artigos sobre o tema estão presentes, o primeiro de ANTONIO BIANCHI, *Ayahuasca e Xamanismo Indígena na Selva Peruana: O Lento Caminho da Conquista*; de LUIS EDUARDO LUNA, *Narrativas da Alteridade: A Ayahuasca e o Motivo da Transformação em Animal*; de SANDRA LÚCIA GOULART, *Contrastes e continuidades em uma Tradição Religiosa Amazônica: Os Casos do Santo Daime, da Barquinha e UDV* e o quarto, de BEATRIZ LABATE, *Dimensões legais, Éticas e Políticas da Expansão do Consumo da Ayahuasca*. Os artigos discorrem sobre os efeitos e principais características da ayahuasca, seu uso xamânico na floresta amazônica e na criação das religiões ayahuasqueiras brasileiras e sua expansão pelo país e questões que essa expansão promove, tratando também de um tema universal que são as transformações dos humanos em animais e vice versa.

Para concluir, o livro apresenta dois artigos sobre a maconha (*cannabis sativa*): o de EDWARD MACRAE, *Santo Daime e Santa Maria: Usos Religiosos de Substâncias Psicoativas Lícitas e Ilícitas* e o de BRUNO CÉSAR CAVALCANTI, *A Folha Amarga do Avô Grande: Fluxos e Reflexos do Sagrado no Maconhismo Popular Brasileiro*. Das plantas consideradas enteógenas, a popularidade da maconha provoca constantes controvérsias: são questões legais, seu potencial terapêutico e médico, seus aspectos nocivos, seu uso ritual e recreativo há séculos no Brasil. Motivo inclusive de acusações dentro das próprias religiões ayahuasqueiras sobre seu uso.